

basta ao homem a inteligência apurada, é-lhe necessário iluminar raciocínios para a vida eterna. As igrejas são sempre santas em seus fundamentos e o sacerdócio será sempre divino, quando cuide essencialmente da Verdade de Deus; mas o sacerdócio político jamais atenderá a sede espiritual da civilização. Sem o sopro divino, as personalidades religiosas poderão inspirar respeito e admiração, menos a fé e a confiança.

— Mas, o Espiritismo? — perguntou abruptamente um dos circunstantes. — Não surgiram as primeiras florações doutrinárias na América e na Europa, há mais de cinquenta anos? Não continúa esse movimento novo a serviço das verdades eternas?

Benevenuto sorriu, esboçou um gesto extremamente significativo e acrescentou:

— O Espiritismo é a nossa grande esperança e, por todos os títulos, é o Consolador da humanidade encarnada; mas a nossa marcha é ainda muito lenta. Trata-se de uma dádiva sublime, para a qual a maioria dos homens ainda não possui "olhos do ver". Esmagadora percentagem dos aprendizes novos aproxima-se dessa fonte divina a copiar antigos vícios religiosos. Querem receber proveitos, mas não se dispõem a dar coisa alguma de si próprios. Invocam a verdade, mas não caminham ao encontro dela. Enquanto muitos estudiosos reduzem os médiuns a cobaias humanas, numerosos erentes procedem a maneira de certos enfermos que, embora curados, creem mais na doença que na saúde, e nunca utilizam os próprios pés. Enfim, procurem-se, por lá, os espíritos materializados para o fenomenismo passeiro, ao passo que nós outros vivemos a procura de homens espiritualizados para o trabalho sério.

O trocadilho arrancou expressões de bom humor geral, acrescentando o Ministro gravemente:

— Nossos serviços são astronômicos. Não esqueçamos, porém, que todo homem é semente da divindade. Ataques a execução de nossos deveres com esperança e otimismo, e estejamos sempre convictos de que se bem fizermos a nossa parte, podemos permanecer em paz, porque o Senhor fará o resto.

XLIV

AS TREVAS

Enriquecendo as alegrias da reunião, Lisias deu-me a conhecer novos valores da sua cultura e sensibilidade. Dedilhando com maestria as cordas da cítara, nos fez lembrar velhas canções e melodias da Terra.

Dia verdadeiramente maravilhoso! Sucediã-se júbilos espirituais, como se estivéssemos em pleno paraíso.

Quando me vi a sós com o bondoso enfermeiro do Auxílio, procurei transmitir-lhe minhas sublimas impressões.

— Não tenha dúvida — disse, sorrindo — quando nos reunimos àquelas a quem amamos, ocorre algo de confortador e construtivo em nosso íntimo. É o alimento do amor, André. Quando numerosas almas se congregam no círculo de tal ou qual atividade, seus pensamentos se entrelaçam, formando núcleos de força viva, através dos quais cada um recebe seu quinhão de alegria ou sofrimento, da vibração geral. É por essa razão que, no planeta, o problema do ambiente é sempre fator ponderável no caminho de cada homem. Cada criatura viverá daquilo que cultiva. Quem se oferece diariamente a tristeza, nela se movimentará; quem enaltece a enfermidade lhe sofrerá o dano.

Observando-me a estranheza, concluiu:

— Não ha nisto mistério. É lei da vida, tanto nos esforços do bem, como nos movimentos do mal. Das reuniões de fraternidade, de esperança, de amor e de alegria, sairemos com a fraternidade, a esperança, o amor e a alegria de todos; mas, de toda assembléa de tendências inferiores, em que predominem o egoísmo, a

vaidade ou o crime, sairemos envenenados com as vibrações destrutivas desses sentimentos.

— Tem razão — exclamei comovido — vejo nisso, igualmente, os princípios que regem a vida nos lares humanos. Quando ha compreensão reciproca, vivemos na ante-câmara da ventura celeste, e, se permanecemos em descordamento e maldade, temos o inferno vivo.

Lísias teve uma expressão de bom humor, confirmando a sorrir.

Foi, então, que me lembrei de interpela-lo sobre uma cousa que, de algumas horas, me torturava a mente. Referira-se o Governador, quando nos dirigiu a palavra, aos circuitos da Terra, do Umbral e das Trevas, mas, francamente, não tinha eu, até então, qualquer noticia deste último plano. Não seria região trevosa o proprio Umbral, onde vivera, por minha vez, em sombras densas, durante anos consecutivos? Não via, nas Camaras, numerosos desequilibrados e doentes de toda a especie, procedentes das zonas umbralinas? Recordando que Lísias me dera esclarecimentos tão valiosos da minha propria situação, no inicio da minha experiencia em "Nosso Lar", confiei-lhe minhas dúvidas intimas, expondo-lhe a perplexidade em que me en encontrava.

Ele esboçou uma fisionomia bastante significativa, e falou:

— Chamamos Trevas ás regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns, poucos, seguem resolutos, visando o objetivo essencial da jornada. São os espiritos nobilissimos, que descobriam a essencia divina em si mesmos, marcando para o alvo sublime sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiencias. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam á mercê de innumeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os proprios pés. Classificam-se aí, os milhões de seres que perambu-

lam no Umbral. Outros, preferindo caminhar ás escuras, pela preocupação egoistica que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu?

As elucidacões são poderiam ser mais claras.

Sensibilizado, porém, com a extensão e complexidade do assunto, ponderei:

— Entretanto, que me diz dessas quedas? Verificam-se apenas na Terra? Sómente os encarnados são suscetíveis de precipitação no despenhadeiro?

Lísias pensou um minuto e respondeu:

— Sua observação é oportuna. Em qualquer lugar, o espirito pode precipitar-se nas fúrnas do mal, salientando-se, porém, que nas esferas superiores as defesas são mais fortes, imprimindo-se, conseqüentemente, mais intensidade de culpa na falta cometida.

— Entretanto — objetei — a queda sempre me pareceu impossível nas regiões estranhas ao corpo terreno. O ambiente divino, o conhecimento da verdade, o auxilio superior figuravam-se-me antidotos infalíveis ao veneno da vaidade e da tentação.

O companheiro sorriu e obtemperou:

— O problema da tentação é mais complexo. As paisagens do planeta terrestre estão cheias de ambiente divino, conhecimento da verdade e auxilio superior. Não são poucos os que compartilham, ali, de batalhas destruidoras entre as arvores generosas e os campos primaveris; muitos cometem homicídios ao luar, insensíveis á profunda sugestão das estrelas, outros exploram os mais fracos, ouvindo elevadas revelações da verdade superior. Não faltam, na Terra, paisagens e expressões essencialmente divinas.

As palavras do enfermeiro calavam-me fundo no espirito. De fato, em geral, os guerreiros estimam a destruição na primavera e no estio, quando a natureza estende no sólo e no firmamento maravilhas de cor, perfume e luz; os latrocínios e homicídios são praticados, de preferéncia, á noite, quando a luz e as estrelas enchem o planeta de poesia divina. A maioria dos verdugos da humanidade constitui-se de homens eminentemente cul-

tos, que desprezam a inspiração divina. Renovando minha concepção referente à queda espiritual, acrescentei:

— Contudo, Lísias, poderá você dar-me uma idéia da localização dessa zona de Trevas? Se o Umbral está ligado à mente humana, onde ficará semelhante lugar de sofrimento e pavor?

— Ha esferas de vida em toda parte — disse ele solícito — o vácuo sempre ha de ser mera imagem literaria. Em tudo ha energias viventes e cada espécie de seres funciona em determinada zona da vida.

Depois de pequeno intervalo, em que me pareceu meditar profundamente, continuou:

— Naturalmente, como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo para cima, esquecido do nível para baixo. A vida, contudo, palpita na profundidade dos mares e no âmago da terra. Além disso, ha princípios de gravitação para o espirito, com se dá com os corpos materiais. A Terra não é somente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso belprazer. E' organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. E' claro que a alma esmagada de culpas não poderá subir á tona do lago maravilhoso da vida. Resumindo, devo lembrar que as aves livres ascerdem ás alturas; as que se embaraçam no cipóal sentem-se tolhidas no voo, e as que se prendem a péso consideravel são meras escravas do desconhecido. Percebe?

Lísias, porém, não precisaria fazer-me esta pergunta. Avaliei, de pronto, o quadro imenso de lutas purificadoras, a desenhar-se ante meus olhos espirituais, nas zonas mais baixas da existencia.

Como alguém que precisa ponderar bastante, por exprimir-se, o companheiro pensou, pensou... e concluiu:

— Qual acontece a nós outros, que trazemos em nosso íntimo o superior e o inferior, também o planeta trás em si expressões altas e baixas, com que corrige o culpado e dá passagem ao triunfador para a vida eterna. Você sabe, como médico humano, que ha elementos no cérebro do homem que lhe presidem o senso diretivo.

Hoje, porém, reconhece que esses elementos não são propriamente físicos e sim espirituais, na essencia. Quem estime viver exclusivamente nas sombras, embotará o sentido divino da direção. Não será demais, portanto, que se precipite nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os proprios passos.